

Pentecostes: A festa da liberdade do espírito humano

A festa de Pentecostes tem a sua origem na festa judaica Shavuot, que comemora a entrega dos dez mandamentos no Monte Sinai, cinquenta dias depois da saída do povo de Israel do Egito e, assim, cinquenta dias depois da festa Pessach. Na tradição cristã a festa de Pentecostes é comemorada cinquenta dias depois da Páscoa como a festa do acolhimento do Espírito Santo pelos apóstolos, assim como está descrito no Novo Testamento:

„E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.“

Atos 2, 1-6

Se não nos restringimos a entender Pentecostes como uma festa histórica que criou várias tradições, mas nos perguntamos qual é o conteúdo espiritual dessa festa cristã, podemos ver que ela possui um significado muito profundo para todo o desenvolvimento do ser humano, e tem a ver com o desenvolvimento da nossa liberdade. Esse processo do desenvolvimento da liberdade começou no Paraíso, quando Adão e Eva comeram da árvore do conhecimento:

„Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?

E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais.

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.

Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim.

E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?
Gênesis 3, 1-9

Normalmente se associa aqui algo negativo: o pecado original. Mas o que temos aqui é, na realidade, a grande tarefa cósmica divina de criar um ser livre. Para isso é necessário que haja a possibilidade de se cometer um erro. Pois sem a possibilidade e o direito de errar não existe liberdade. Aquilo que chamamos a tentação pela serpente é o passo inicial para desenvolver a liberdade. Além da possibilidade de errar, para se adquirir liberdade é também necessário desenvolver o conhecimento, de termos opções para então, em livre arbítrio, decidir qual caminho queremos tomar. Sem conhecimento e sem ao menos duas opções não existe liberdade. Esta possibilidade, de desenvolver conhecimento com o risco de errar, e desenvolver um livre arbítrio para poder decidir o que fazer, o ser humano tem, e isso o faz distinto de toda a natureza. Adquirimos esse dom, na imagem da Bíblia, porque pela influência da serpente comemos da árvore do conhecimento e começamos a procurar por nós mesmos reconhecer o bem e o mal, reconhecer a verdade.

„Então a serpente disse à mulher: ... Porque Deus sabe que no dia em que *do fruto* comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.“

O caminho de nos tornarmos seres livres, de desenvolvermos um conhecimento com o risco do erro, de desenvolvermos um livre arbítrio, leva necessariamente a um distanciamento do mundo espiritual-divino. Pois se ficássemos totalmente ligados com o divino, como os anjos, receberíamos tanto a sabedoria, quanto os impulso da vontade do próprio divino. Assim é com os anjos. Pode ser que alguém sinta o desejo de estar ligado com Deus como os anjos. Mas então teria que abrir mão do bem mais valioso que o ser humano possui: a possibilidade de desenvolver a liberdade. A consciência, que formamos como seres humanos, nos separa do espiritual-divino, e tem de nos separar. De uma forma grandiosa a Bíblia expressa esse processo numa única pergunta de Deus:

„E ouviram a voz do Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim.

E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?“

A pergunta de Deus „Onde estás?“ não é uma pergunta retórica, ela é real. E não é somente a pergunta para Adão, mas a pergunta que Deus faz para cada um de nós: „Onde estás?“ Faz parte do relacionamento em liberdade do ser humano com Deus, que tenhamos a possibilidade, na nossa consciência, de nos „escondermos“ de Deus. A decisão e a atividade de

querer ter um relacionamento consciente com Deus tem de partir do ser humano. Quanto mais conquistamos a liberdade, mais real se torna a pergunta divina: „Onde estás?“. O mais importante, assim, é buscar um relacionamento com o divino a partir de uma decisão livre. Enquanto procuramos o Divino por medo de castigos, para receber absolvição e não termos de assumir a responsabilidade por nossas decisões, nos comportamos como crianças. Nos tornamos espiritualmente adultos quando podemos viver sozinhos, sem Deus e, por uma decisão livre, queremos viver com Ele.

A conquista de uma consciência própria nos leva não somente ao distanciamento do espiritual-divino, mas também ao distanciamento social, à falta de compreensão para com o outro. Pois no caminho de desenvolver a liberdade formamos, cada um de nós, os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, os nossos impulsos de vontade. E enquanto não chegamos à meta de reconhecer a verdade, todo o conhecimento é, na melhor hipótese, uma parte da verdade; os nossos sentimentos são subjetivos e os nossos impulsos de vontade, tingidos pelo egoísmo. E como cada um tem o seu ponto de vista, o seu modo de sentir, a sua intenção, surge o desentendimento social. A necessidade desse desentendimento social também é descrito na Bíblia, na imagem da construção da Torre de Babel:

„E era toda a Terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.

Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; e o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.

Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a Terra.

Gênesis 11, 1-9

Assim podemos dizer que todos nós estamos neste caminho: tentando desenvolver o conhecimento da verdade, para reconhecer o bem e o mal, mas cometendo erros. Formando sempre mais a nossa individualidade, mas tendo, sempre mais também, a dificuldade de compreender um ao outro.

Não querer errar e querer ser apenas social, significa não querer desenvolver a própria individualidade, o próprio eu.

A grande questão é: como podemos prosseguir nesse caminho, sem nos separarmos completamente do divino espiritual, sem nos tornarmos completamente egoístas? É possível desenvolver a liberdade, reconhecer a verdade e criar um relacionamento livre com o Divino? É possível desenvolver o eu, se tornar uma individualidade forte e sermos sociais, termos uma compreensão verdadeira para o ser do outro?

Esse é o impulso do Cristo, nos ajudar nesse caminho.

Talvez a frase que mais expressa esse impulso do Cristo encontramos no Evangelho de João:

„E conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres.“

João 8, 32

Do Cristo, com certeza, não receberemos ajuda para que deixemos de assumir a responsabilidade por aquilo que fazemos. Ele não atua a partir do medo de castigos futuros. Ele atua respeitando a nossa liberdade. Nos oferece ajuda para desenvolvermos o nosso eu, para que reconheçamos a verdade e superemos o egoísmo. Ele „bate suavemente na porta da nossa alma“ e espera se nós, em liberdade, queremos abri-la e convidá-Lo a entrar, ou não.

A festa de Pentecostes formou várias tradições, uma delas é dependurar uma imagem de uma pomba em algum lugar da casa como expressão do nosso anseio de recebermos o Espírito Santo. Se essa tradição se une com um sentimento de passividade, de que seja suficiente orar e acreditar, para recebermos o Espírito Santo que solucionará todos os problemas, então estamos vivendo uma tradição que não tem nada a ver com o impulso do Cristo. Mas este impulso viverá se a imagem da pomba nos ajudar a não esquecer de que nós temos uma tarefa para cumprir: reconhecer o que é a verdade a partir de nosso próprio esforço espiritual, e não a partir de uma revelação divina; e superar o egoísmo desenvolvendo interesse pelo outro, tentando compreender a sua forma de pensar, sentir e atuar. Então podemos ver que as chamas de fogo, que desceram do céu no dia de Pentecostes, são individuais. A alma se eleva ao espiritual na procura da verdade; a verdade se revela individualmente, na medida em que a alma se eleva.

Sim, é possível em liberdade reconhecer a verdade. Mas é necessário querer trabalhar arduamente na procura da verdade e assumir a responsabilidade pelos erros.

E podemos ver assim que a língua que falavam, não era mais os idiomas que surgiram desde a construção da torre de Babel. Aprenderam a falar a linguagem do coração, onde é possível entender o outro e se fazer

compreensível. Sim, é possível aprender a língua do coração, mas é necessário querer trabalhar arduamente na superação do próprio egoísmo.

Pentecostes é uma festa do futuro. A festa da liberdade do espírito humano que decide, na procura pela verdade, se unir com o espiritual-divino, que pela força do eu supera o egoísmo e aprende a falar a linguagem do coração, se unindo ao seu próximo.

João F. Torunsky